

WITTGENSTEIN E A CERTEZA: UM CÉTICO?

Leonel Olimpio

"O que é real? Tudo parece enganador, a superfície visível parece enganosa. Eu olho para a minha mão... São nervos, músculos, ossos. Vamos mais fundo: são moléculas e ácidos. Mais fundo: é uma valsa impalpável de elétrons e nêutrons. Mais fundo ainda: uma nebulosa imaterial. Quem pode provar que minha mão existe?"
Salvador Dali

Resumo: Abordando um texto pouco conhecido do autor Ludwig Wittgenstein (1889-1951), *Über Gewissheit* traduzido como *Sobre a certeza*, o artigo discutirá as teses contrapostas pelo autor contra as ideias de Edward Moore, filósofo inglês. Partindo para a discussão sobre questões da teoria do conhecimento, ou seja, em relação ao ceticismo epistemológico. Seguindo para a problemática do “metaceticismo” wittgensteiniano, em que o autor será cético quanto ao próprio ceticismo. Termina apontando para um ceticismo ético em Wittgenstein, aonde se discutiria um modo de viver, de como o cético se relaciona com a filosofia, com a vida, e ainda como se mostra o papel do filósofo, que seria, essencialmente, o chato.

Palavras-Chave: Wittgenstein. Ceticismo Epistemológico. Ceticismo Ético.

Abstract: Addressing a little-known text by the author Ludwig Wittgenstein (1889-1951), *Über Gewissheit* translated as *On Certainty* the article discusses how the author opposes the thesis as ideas of Edward Moore, an English philosopher. Leaving for a debate on questions of knowledge theory, ie in relation to epistemological skepticism. Moving on to a problematic of Wittgensteinian "metaceticism," in which the author is skeptical of the skepticism. It ends by pointing to an ethical skepticism in Wittgenstein, to the discussion of a way of living, how the skeptic relates to a philosophy, to life, and how to show the role of the philosopher, who would essentially be the "annoying critic" .

Word-Keys: Wittgenstein. Epistemological Skepticism. Ethical Skepticism.

Introdução

Iremos discutir aqui principalmente as ideias escritas por Wittgenstein no seu livro *Über Gewissheit* (*Sobre a Certeza*). Há uma edição em português dessa obra, no entanto, utilizamos a versão bilingue alemão/inglês, da editora Harper Torchbooks, ou seja, toda tradução aqui para o português, é responsabilidade do autor do texto. O livro consiste do autor contrapondo as ideias de Edward Moore, que foi professor de Cambridge, conhecido filósofo inglês e que participou junto com Bertrand Russel e o próprio Wittgenstein da tradição inglesa na filosofia analítica.

No entanto, é muito importante ressaltar que o livro consiste em apenas anotações do autor quanto a essas questões, e ele na maioria das vezes, ou em todas as vezes, não chegará a concluir nada de fato. O livro pode parecer muito contraditório, inconsistente, mas há questões colocadas pelo autor que devem ser levadas para um debate cético, ou para um debate sobre o metaceticismo que ele tenta construir, ou apontar para ele. E a partir desses “apontamentos” do autor, tentaremos dar uma linha de pensamento cético ou não para a filosofia de Wittgenstein.

1. A diferença entre “saber” e “ter certeza”

Moore em artigos, como o "A defesa do senso comum"¹, vai defender que há verdades empíricas de fato e que dessas podemos ter absoluta certeza, como por exemplo: "eu tenho duas mãos", "o mundo existia antes de eu nascer". A partir disso, Wittgenstein irá totalmente se contrapor a esse argumento, dizendo que Moore de fato tem certeza sobre aquilo, mas que isso não significa que ele detenha conhecimento sobre.

Wittgenstein então, argumentará que a certeza existe, porém, ela seria algo completamente diferente do conhecimento, pois a certeza se caracteriza pelo fato de ele achar que sabe aquilo, e não por deter de fato conhecimento sobre aquilo.

“Die Gewißheit ist gleichsam ein Ton, in dem man den Tatbestand feststellt, aber man schließt nicht aus dem Ton darauf, daß er berechtigt ist.”

"A certeza é como se fosse um tom de voz em que uma pessoa atesta como as coisas são, mas uma pessoa não infere do tom de voz da outra que ela está correta."-(WITTGENSTEIN,1972:p.6)

¹ *Contemporary British Philosophy* (2nd série), ed. J. H. Muirhead, 1925. Reeditada em G. E. Moore, *Philosophical Papers* (1959).

Assim, Wittgenstein irá dizer que a diferença entre o conceito de "saber" e o conceito de "ter certeza" não é de tanta importância, exceto quando dizer "eu sei" significa: "Eu não posso estar errado". Por isso, o austríaco dirá no começo do texto "Pode uma pessoa dizer o que ela conhece? Eu não acredito que possa". O que aqui já abre um debate muito grande, e que o próprio austríaco levanta no seu *Tractatus*, se seria possível a linguagem representar o mundo, que para a conhecida "primeira fase" do autor, é possível. Imaginemos por exemplo uma partitura, ela consegue representar em um papel como a música se desenvolve, seria assim também nossa linguagem em relação ao mundo? Ou seja, nesses escritos, Wittgenstein aponta para um pensamento de que nós podemos sempre estar errado sobre algo.

Sobre isso, ele dirá:

“Ich weiß, daß hier ein kranker Mensch liegt? Unsinn! Ich sitze an seinem Bett, schaue aufmerksam in seine Züge. - So weiß ich also nicht, daß da ein Kranker liegt? - Es hat weder die Frage, noch die Aussage Sinn. So wenig wie die: 'Ich bin hier', die ich doch jeden Moment gebrauchen könnte, wenn sich die passende Gelegenheit dazu ergäbe.”

"Eu sei que um homem doente está deitado aqui? Sem sentido! Eu estou sentado ao lado da cama dele, estou olhando atentamente para o rosto dele. Então eu não sei, nessa ocasião, que há um homem deitado aqui? Nem a pergunta nem a afirmação fazem sentido. Muito menos a afirmação "Eu estou aqui", e que eu poderia, de fato, usar em qualquer momento." (WITTGENSTEIN,1972:p.3)

Wittgenstein, com sua ironia, irá falar dos que afirmam sobre conhecimentos irrefutáveis, dizendo ainda "eles não se lembram de quando eles disseram 'eu pensei que eu soubesse'." Então, para o austríaco, Moore se enganava também na diferenciação dos conceitos, por fazer com que eles se pareçam os mesmos, conceitos como "saber", "ter certeza", "crer", para Moore, dizer "eu sei", é sim significar "eu não posso estar errado".

Wittgenstein irá também falar de como temos então certas proposições e saberes nas nossas mentes. Ele dirá:

“Ja, ich glaube, daß jeder Mensch zwei menschliche Eltern hat; aber die Katholiken glauben, daß Jesus nur eine menschliche Mutter hatte. Und Andre könnten glauben es gebe Menschen die keine Eltern haben und

die aller gegenteiligen Evidenz keinen Glauben schenken... Worauf gründet sich der Glaube, daß alle Menschen Eltern haben? Auf Erfahrung. Und wie kann ich auf meine Erfahrung diesen sichern Glauben gründen? Nun ich gründe ihn nicht nur darauf daß ich die Eltern gewisser Menschen kannte, sondern auf alles was ich über das Geschlechtsleben von Menschen und ihre Anatomie und Physiologie gelern habe; auch darauf was ich von Tieren gehört und gesehen habe. Aber ist das denn wirklich ein Beweis?"

"Sim, eu acredito que todo ser humano tem pais humanos; mas os católicos acreditam que Jesus tinha apenas uma mãe humana. E outras pessoas podem acreditar que há humanos sem pai e mãe, e não dar nenhum crédito a qualquer evidência que se contrarie a isso.... Em que se baseia a crença de que todos os humanos têm pai e mãe? Na experiência. E como eu posso fundamentar na minha experiência essa crença convicta? Bem, eu me fundamento não só no fato de que eu conheci pais de algumas pessoas, mas em tudo que eu aprendi sobre a vida sexual humana e sua anatomia e psicologia; também no que ouvi e vi de animais. Mas isso é realmente uma prova?" (WITTGENSTEIN,1972:p.32)

Percebemos, que ele falará então do saber proveniente da experiência, mas ele irá dizer o que pode acontecer é que para isso, todos entramos em um consenso. Por exemplo, para resolver um problema de um curto-circuito, por consenso entre nós, chamaríamos um eletricitista para consertar, ao invés de um médico, porque firmamos entre nós que o eletricitista sabe mais sobre isso do que qualquer outro profissional.

2. Faz sentido duvidar?

“Es gibt Fälle, in denen der Zweifel unvernünftig ist, andre aber, in denen er logisch unmöglich scheint. Und zwischen ihnen scheint es keine klare Grenze zu geben. Alles Sprachspiel beruht darauf, daß Wörter und Gegenstände wiedererkannt werden. Wir lernen mit der gleichen Unerbittlichkeit, daß dies ein Sessel ist, wie daß $2 \times 2 = 4$ ist. Wenn ich also zweifle, oder unsicher bin darüber, daß das meine Hand ist (in welchem Sinn immer), warum dann nicht auch über die Bedeutung dieser Worte? Will ich also sagen, daß die Sicherheit im Wesen des Sprachspiels liegt?... Es handelt sich darum: Wie wird der Zweifel in's Sprachspiel eingeführt?"

"Há casos em que a dúvida é insensata², mas outros nos quais ela parece logicamente impossível. E parece não haver nenhum limite claro entre elas. Todo jogo de linguagem é baseado em palavras 'e objetos' que se reconhecem a si mesmos. Nós aprendemos com a mesma inexorabilidade que isso é uma cadeira como aprendemos que $2 \times 2 = 4$. Se, portanto, eu duvido ou estou incerto sobre isso ser minha mão (em qualquer sentido), por que, então não duvidar do sentido dessas palavras também? O que eu quero dizer, então, a segurança reside na natureza de um jogo de linguagem?... Trata-se disso: como a dúvida é introduzida em um jogo de linguagem?"(WITTGENSTEIN, 1972: p.59-60)

Para esse momento, eu gostaria de falar de um problema que pode nos ajudar a entender o que o Wittgenstein está tentando falar sobre a dúvida quanto as palavras. Em uma mesa de jantar, todos se odeiam. Então, um homem pede para uma mulher lhe passar o sal, mas para o homem, o que é sal é açúcar, então já que a mulher não gosta do homem, ela decide ao invés de passar o sal, passar o açúcar. Mas, assim, o homem teve de fato o que queria. E fica a dúvida, não seriam assim toda as nossas concepções linguísticas?

Alguns podem dizer que isso seria uma questão de valor apenas linguístico. No entanto, creio que há três pontos muito importantes em tudo isso: pensamento, linguagem e realidade. E assim, esses pontos se interligam e cada um ajuda, com seus conceitos e reflexões, com o que tentamos entender sobre os três. Por que seria de pensamento? Porque aqui entra o problema se de fato aquilo que falamos é acessível ao outro, se é possível a compreensão da subjetividade. É um problema linguístico pois, como podemos saber se a linguagem “dá conta” de tudo que pensamos e queremos falar? E por último, um problema da realidade, pois a pergunta “o que é o real?” sempre vem à tona na filosofia, no entanto, como ela se dá para uma questão da fala e do entendimento? Ou seja, é possível falar sobre a “realidade”, é possível descrever a “realidade”? E como essa realidade se relaciona com a linguagem?

3. Ceticismo para além dos sentidos

“Was hindert mich anzunehmen daß dieser Tisch, wenn ihn nieman betrachtet, entweder verschwindet, oder seine Form und Farbe

² Pode-se traduzir “unvernünftig” por “insensato”, ou até “irracional”, no entanto opto pela primeira opção.

verändert, und nun wenn ihn wieder jemand ansieht, in seinen alten Zustand zurückkehrt?"

"O que me impede de supor que essa mesa, quando ninguém a observa, ou desaparece ou altera sua forma e cor e então quando alguém olha novamente para ela, ela volta a sua forma antiga?" (WITTGENSTEIN, 1972:p.29)

Após essa afirmação, Wittgenstein irá dizer que nessas situações, o "acordo entre a realidade", não valeria para nada. Porque aqui, a questão está para além dos nossos sentidos, pois a pergunta seria justamente, o que está acontecendo enquanto nossos sentidos não estão observando?

O que o filósofo austríaco está tentando dizer é: enquanto você está lendo um pedaço de papel, as letras têm formas fixas, o papel tem uma forma física sólida, mas e quando deixamos de olhar para ele, o que acontece? O papel toma outra forma física? As letras se deformam?

Logo após esse exemplo, ele colocará em questão outro, dirá ele:

“Wer annähme, daß alle unsre Rechnungen unsicher seien, und daß wir uns auf keine verlassen können (mit der Rechtfertigung, daß Fehler überall möglich sind) wurden wir vielleicht für verrückt erklären. Aber können wir sagen, er sei im Irrtum? Reagiert er nicht einfach anders? Wir verlassen uns darauf, er nicht, wir sind sicher, er nicht.

"Se uma pessoa supõe que todos os cálculos são incertos e que nós não podemos nos ater a nenhum deles (essa pessoa se justificando dizendo que o erro é sempre possível) talvez nós chamaríamos essa pessoa de louca. Mas nós podemos dizer que ele está errado? Ele só não reage de maneira diferente? Nós nos atemos aos cálculos, ele não; nós estamos seguros, ele não." (WITTGENSTEIN, 1972:p.29)

Vemos como Wittgenstein realmente aponta para um ceticismo. Talvez aqui Wittgenstein estivesse pensando mais claramente no debate envolvendo pensadores de sua época acerca da natureza ontológica dos números quanto a natureza ontológica dos números. Se os números são “coisas do mundo”, ou são criações humanas.

Wittgenstein, apesar de estar em um “turbilhão científico”, criticará justamente o “cientificismo” da sua época. Achando que a ciência tinha coisas importantes a fazer, mas que essa mesma ciência não podia ser o padrão para outras coisas, como por

exemplo, para a filosofia³. O que pode parecer estranho para alguns, mas o austríaco pensava que a filosofia deveria tomar seu próprio rumo, sem querer se espelhar nas ditas ciências naturais.

4. Um metaceticismo e suas implicações para a vida

No entanto, a crítica de Wittgenstein é não só a Moore, como também aos céticos e ao ceticismo. Provavelmente, Wittgenstein se perguntava, como pode o ceticismo ser irrefutável, se ele é irrefutável, ele se torna uma verdade absoluta, e como poderia então isso existir logo com o ceticismo? Ele então percebe algo de interessante para se pensar sobre esse assunto. Assim, ele irá fazer todo o seu "metaceticismo".

Wittgenstein dirá "O que nós podemos perguntar é se faz sentido duvidar". Afinal, por que duvidamos? Bertolt Brecht dizia que "a única certeza é a dúvida", para Wittgenstein, precisamos antes de duvidar, saber se faz sentido duvidar, no entanto, aquele que duvida da dúvida, não é um cético?

É a partir desse ponto, que tentamos levantar a questão de um Wittgenstein cético. No entanto, é necessário aqui a percepção e divisão de dois tipos de ceticismo, um epistemológico, o outro ético. Pensamos aqui, que Wittgenstein se preocupava com os dois, mas propriamente em "Über Gewissheit" ele tenha falado mais sobre epistemologia.

Como então, se apresenta esse "metaceticismo" wittgensteiniano? Para existir a dúvida, precisou existir antes um momento de "não-dúvida". Para Wittgenstein, o ceticismo se esquece de há um momento de que é preciso não haver dúvida. Assim, ele escreverá sobre o exemplo das crianças, que quando se é criança, você não aprende a duvidar se aquela cadeira existe ou não, mas aprende apenas que a cadeira é para sentar. O que capacitou que alguns duvidássemos da existência dessa mesa, dessa sala? Só foi possível por termos tido esses momentos de "aprendizagem dogmática". Por isso, passamos por muito tempo sem duvidar de nada, momento que ele chamará de "não-dúvida", para assim depois podermos duvidar.

Então, para ele é sempre importante ressaltar que para o ceticismo poder existir, antes deve haver algo que capacite a possibilidade da dúvida, e isso seria propriamente o não duvidar.

Alguns podem dizer que o que Wittgenstein está tentando fazer é salvar o seu "Jogos de Linguagem". Pois no próprio "*Sobre a certeza*" ele dirá que precisamos no fundo, ter algo que não possamos duvidar, para assim um jogo de linguagem poder ter certa consistência. Dirá ele na página 22 do "*Sobre a certeza*", "Mas em algum lugar eu

³ Recomendamos aqui, a leitura das *Vermischte Bemerkungen*, que pode ser traduzida como "Observações embaralhadas".

devo começar com uma suposição ou decisão". Porque assim, seria possível existir jogos de linguagem.

Assim, ele dirá:

“Das Kind lernt nicht, daß es Bücher gibt, daß es Sessel gibt, etc, etc, sondern es lernt Bücher holen, sich auf Sessel(zu) setzen, etc. Es kommen freilich später auch Fragen nach der Existenz auf: 'Gibt es ein Einhorn?' u. s. w. Aber só eine Frage ist nur möglich, weil in der Rgel keine ihr entsprechende auftritt. Denn wie weiß man, wie man sich von der Existenz des Einhorns zu überzeugen hat? Wie hat man die Methode gelernt, zu bestimmen, ob etwas existiere oder nitch?”

"As crianças não aprendem que livros existem, que poltronas existem, etc, etc, elas aprendem a buscar livros, sentar em poltronas, etc. Mais tarde, é claro que virão questões como a existência de objetos ou coisas. 'Existe uma coisa como um unicórnio?' e assim segue. Mas essa questão só é possível porque como regra nenhuma pergunta correspondente se apresenta. Pois como saber-se-ia convencer a si mesmo da existência dum unicórnio? Como alguém aprendeu o método de determinar se alguma coisa existe ou não?" (WITTGENSTEIN 1972, p.62-63)

Um jogo de linguagem não se constitui apenas de pensamento, mas sim quanto a linguagem enquanto a um fato social, um fato de que o que está havendo são falas, uma conversa entre duas ou mais pessoas. Resumindo, com a sua própria crítica, Wittgenstein tenta “salvar” os seus jogos de linguagem.

Há, no entanto, uma afirmação no aforismo 559 que é muito interessante, e que talvez seja a passagem mais cética do livro, “você deve ter em mente que os jogos de linguagem são imprevisíveis. Eu quero dizer: não são fundamentados. Não são razoáveis(ou irracionais). São como a nossa vida.”⁴ Aqui, temos várias implicações.

Primeiro, estaria Wittgenstein negando seu próprio conceito de “jogos de linguagem”? Ele estaria sendo cético quanto a eles, ainda dizendo que seriam “razoáveis”, e o oposto de “razoável”, que traduzimos como “irracional”, mas caberia talvez “improcedente”, “incoerente.” Segundo, aqui, falando dos jogos, ele os compara a vida, a vida em si. Ou seja, implicaria dizer também que a vida é irracional? Como poderia então teorias, a ciência, e a própria filosofia lidar com um mundo e a vida dessa maneira? Seria uma maneira “cética” de viver?

⁴ “Du mußt bedenken, daß das Sprachspiel sozusagen etwas Unvorhersehbares ist. Ich meine: Es ist nicht begründet. Nicht vernünftig (oder unvernünftig). Es steht da-wie unser Leben.” *Über Gewissheit*. New York: Harper Torchbooks, 1972.

São muitas perguntas, e poucas respostas. De fato, vemos o quanto esse assunto era um problema para Wittgenstein, no que ele estava preocupado quanto a própria validade dos “estados-de-coisas”, que ele tanto fala no seu famoso *Tractatus*, mas acima de tudo quanto aos próprios conceitos de dúvida, certeza, ceticismo e realidade.

5. Wittgenstein: um cético?

É possível então construir um ceticismo a partir de Wittgenstein? Afirmando que sim, pois questões como a dúvida, a certeza, o conhecimento e até de um certo “viver ético”⁵ é pertinente em toda a sua obra, ou seja, há um ceticismo epistemológico e ético vigente. Podemos nos perguntar também, quão cético é a famosa afirmação da sétima proposição do *Tractatus*, “wovon man nicht sprechen kann, darüber muss man schweigen”⁶ (Sobre o que não se pode falar, deve-se calar).

Devemos falar sobre ética, religião, Deus? Diria um jovem Wittgenstein cheio de entusiasmo, “nein, nein, nein!! Das is nicht richtig!”⁷. O que se pode fazer quanto a isso então? Viver. Falar sobre isso não cabe a filosofia, isso está para o indizível, isso é o indizível, tornando-se místico. Sobre isso, nós podemos agir, viver, atuar.

Em todo esse debate de um Wittgenstein cético ou não, há outra pergunta a se fazer: percebendo que Wittgenstein tem pensamentos céticos, isso faz dele de fato um cético? Bem, é claro que essa pergunta vai de encontro com as próprias ideias sobre o que é ceticismo, ou como se entende o que é um cético. Talvez um cético, seja mais do que um simples duvidar de fatos epistemológicos, mas que isso implica também uma maneira de viver, uma “estética da existência”.

E isso está intimamente ligado com o que Bertrand Russel achava sobre o ceticismo, que logicamente era algo irrefutável, mas como isso se daria na prática? Wittgenstein teria de fato se preocupado com isso? Sim, no entanto, não diretamente sobre o “dever do cético”, mas sim, até como se intitula sua biografia mais conhecida, “o dever do gênio”. Essa questão de fato permeia toda a vida e o pensamento do austríaco. O próprio, vendo-se como gênio, se pergunta, já que eu sou um gênio, então qual o meu dever? A partir dessa constatação, ele tentará entender como se dá essa participação do gênio com o mundo, com a vida.

Mas como para muitos a filosofia de Wittgenstein é mais fatiada do que uma pizza tamanho família, temos para alguns comentadores 2, 3, até 5 “Wittgensteins”. E claro, de suas diferentes fases, podemos ter inúmeras interpretações. No entanto, tendo como ponto de partida os escritos *Über Gewissheit*, é possível sim, tratar de um ceticismo wittgensteiniano, por todas as questões que ele não tenta solucionar, mas discutir,

⁵ Wittgenstein chega a afirmar em cartas que o sentido do *Tractatus* é ético.

⁶ Pág. 108 *Tractatus Logico-Philosophicus*. Londres: Routledge & Kegan Paul Ltd., 1922.

⁷ “Não, não, não!! Isso não está certo!”

criticar, apontar. Como o autor mesmo dirá no seu *Big Typescript*, “tudo o que a filosofia pode fazer é destruir ídolos. E isso significa não criar um novo – como, por exemplo, 'na ausência de um ídolo'.”⁸.

Para Wittgenstein, o que restará para a filosofia é a crítica, a dúvida, o questionamento. O papel do filósofo é ser o chato. Aquele que sempre indaga, aquele que sempre duvida, aquele nunca se dá por um dogma no pensamento. E isso seria o que? Um cético. Um olhar quase que profano, para muitos, na filosofia.

Wittgenstein é tido como cético para alguns, mas não para todos. Talvez ele mesmo tenha se sentido incomodado com todos esses rótulos que davam a ele, e tenha se incomodado também com a própria questão de que se é possível existir um cético de fato ou não, ou seria o ceticismo uma escada para um certo conhecimento. Até por isso, Wittgenstein talvez nunca tenha definido o que seria de fato "conhecimento" e o que caracterizaria isso, pois ele sempre foi muito "pé atrás" quanto as questões de crença e quanto a ciência em geral. Porém, suas questões estão aí presentes, para serem sempre duvidadas, e debatidas.

⁸“(Alles, was die Philosophie tun kann ist, Götzen zerstören. Und das heißt, keinen neuen – etwa in der ”Abwesenheit eines Götzen“ – zu schaffen.)”

Referências Bibliográficas

WITTGENSTEIN, Ludwig. *Über Gewissheit*. New York: Harper Torchbooks, 1972

_____. *Culture and Value-Vermischte Bemerkungen*. Tradução Peter Winch. Chicago: The University of Chicago Press, 1984.

_____. *Tractatus Logico-Philosophicus*. Londres:Routledge & Kegan Paul Ltd., 1922.

_____. *The Big Typescript, TS 213*. Tradução e Edição C. Grant Luckhardt and Maximilian A. E. Aue.— German–English scholars' ed. Oxford: Blackwell Publishing, 2005.

Outras referências

WITTGENSTEIN, Ludwig. *Investigações Filosóficas*. Tradução José Carlos Bruni. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1996.

_____. *Movimentos de pensamento: diários de 1930-1932/1936-1937*. Tradução Edgard da Rocha Marques; editado por Ilse Somavilla. São Paulo: Martins Martins Fontes, 2010.

MONK, Ray, *Ludwig Wittgenstein-The Duty of Genius*. Londres: Vintage Books, 1991